
EM QUEM SE BASEIAM AS AUTORAS ARGENTINAS? UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DAS REFERÊNCIAS UTILIZADAS EM ARTIGOS ACADÊMICOS (1996-2019)¹

Monique Ribeiro Polerá Sampaio²
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Resumo

O presente trabalho consiste em um capítulo da monografia “O campo da comunicação na Argentina sob a ótica das mulheres”. O objetivo aqui é compreender as características das referências bibliográficas utilizadas pelas pesquisadoras do país vizinho a partir de três vieses: o gênero, o país de origem e o campo acadêmico ao qual pertencem. Os resultados apontam para a persistência da disparidade de gênero, a continuidade do eurocentrismo e a forte interferência de outras áreas das ciências humanas dentro da composição teórica do campo da comunicação.

Palavras-chave

Epistemologia; Gênero; Colonialidade; Comunicação; Interdisciplinaridade

Corpo do trabalho

Este trabalho faz um delineamento parcial do campo da comunicação na Argentina, tomando como recorte a produção acadêmica de pesquisadoras no período de 1996 a 2019. Como objeto empírico, foram selecionados os artigos publicados em cinco revistas de comunicação, vinculadas à três das principais universidades públicas do país.. As revistas escolhidas passaram por três critérios de seleção. Primeiramente, foi feita uma busca dentro do ranking *QS Latin America 2019*, que elege as melhores universidades da região de acordo com cinco critérios: impacto da produtividade e da pesquisa, compromisso docente, empregabilidade, impacto virtual e internacionalização. As dez melhores colocadas no país foram, por ordem decrescente: *Universidad Buenos Aires* (8), *Universidad Nacional de La Plata* (26), *Universidad Torcuato di Tella* (27), *Universidad Nacional de Córdoba* (31), *Universidad Austral* (33), *Universidad de San*

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação no XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna de graduação do quarto ano na FCL.

Andrés (41), *Pontificia Universidad Católica Argentina* (44), *Instituto Tecnológico de Buenos Aires* (57), *Universidad Nacional de Rosario* (59) e *Universidad del Litoral* (93). A opção por levar em conta um ranking regional e não mundial parte da ideia de que as universidades latino-americanas dialogam de forma mais contundente entre si, tanto por trajetória acadêmica, como por possíveis semelhanças dadas à historicidade de sua formação, e realidades que apresentam dificuldades e entraves parecidos. (LOZANO; MARÍÑO, 2010).

Outros dois critérios nortearam a escolha: instituições que oferecem programa de doutorado em Comunicação e possuem publicações acadêmicas ativas. Com isso, foram selecionadas três universidades: Universidad de Buenos Aires (UBA), Universidad Nacional de La Plata (UNLP) e Universidad Nacional de Rosario (UNR).

Com a conclusão do embasamento inicial para permitir uma escolha concreta e justificada de periódicos, foi possível chegar nas cinco revistas que permitiram a concretização desse trabalho: *Questión*, *Cuaderno H Ideas*, *Tram(p)as de la Comunicación y Cultura* (UNLP), *Avatares de la Comunicación y Cultura* (UBA) e *La Trama de la Comunicación* (UNR).

Os números analisados das respectivas revistas foram *Tram(p)as de la Comunicación y Cultura* (2014-2016-2018), *Questión* (2006, 2013, 2019), *Cuaderno H Ideas* (2007, 2013, 2019), *Avatares* (2010, 2014, 2019) e *La Trama de la Comunicación* (1996, 2008, 2019). Tais anos foram selecionados justamente para se compreender de maneira menos específica as propostas e os estilos das revistas. Isso porque, ao estudar números de anos distantes uns dos outros, é possível diferenciar com mais clareza quais são as características atemporais e marcantes de um periódico, daquelas de caráter efêmero.

Assim, foram estudados os números do primeiro ano disponível para consulta, além das publicações do ano de 2018 e 2019, as mais recentes até a data do início deste trabalho, e ainda, aquelas que estivessem em um período intermediário. Finalmente, foi utilizado o critério de gênero, isto é, estudados e analisados somente os artigos, resenhas, dossiês e dentre outras produções feitas por pesquisadoras

EM QUEM SE BASEIAM AS AUTORAS ARGENTINAS?

O método utilizado para identificar as características das referências bibliográficas foi a bibliometria, ou seja, separar as bibliografias dos trabalhos das autoras e a partir daí

observar quais autores são citados com maior frequência. Como critério de seleção, foram considerados somente aqueles citados cinco vezes ou mais em todos os artigos dos números das revistas estudados. Para encontrar tal dado, foi criado um documento em que foram colocadas todas as referências bibliográficas de todos os textos dos periódicos usados na pesquisa. Depois foram colocadas em ordem alfabética, onde foi possível observar com clareza a quantidade de vezes em que determinado autor foi referenciado pelas autoras. Com isso, a quantidade total de autores e autoras obtida após a aplicação desses métodos foi de 130.

As referências bibliográficas foram utilizadas como objeto empírico na análise dos seguintes fatores: (1) a composição do gênero dos autores mais referenciados, (2) o país de origem, (3) o campo acadêmico no qual possuem maior destaque, e (4) frequência de citação. Além disso, por meio das informações encontradas também foi retirada uma análise acerca das relações de gênero, presença de interdisciplinaridade e peso numérico das citações no tocante somente ao caso argentino.

Nos gráficos 1 e 2 será possível observar a composição de gênero dos autores, tanto no quadro geral, como na Argentina. No gráfico 3, está explicitada a nacionalidade dos autores mais citados. Já nos gráficos 4 e 5 estão pontuadas as interferências de campos científicos externos da nos trabalhos da área de comunicação.

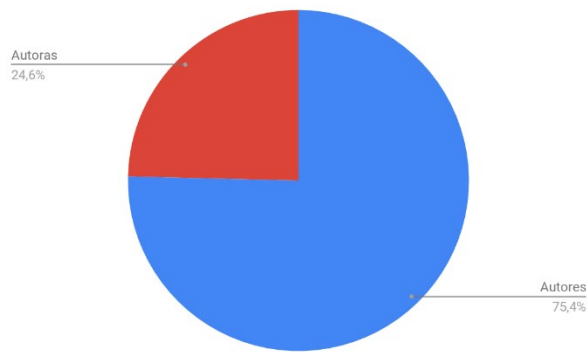
Nas tabelas 1 e 2, estão postos em ordem decrescente a frequência de citação dos autores. Aparecem nas listas os 10 mais utilizados pelas autoras argentinas (nacional e internacionalmente).

DADOS INICIAIS

Autoras e autores citados (panorama geral)

Diferentemente da autoria dos artigos, onde os números apontam para um equilíbrio ou até mesmo uma leve superioridade da produção feminina, os dados bibliográficos apontam para uma alta discrepância com relação à gênero pendendo para autores homens. Dos 130 autores mais citados, somente 32 são mulheres. Como pode ser observado no Gráfico 1, isso resulta em uma porcentagem de aproximadamente 24%.

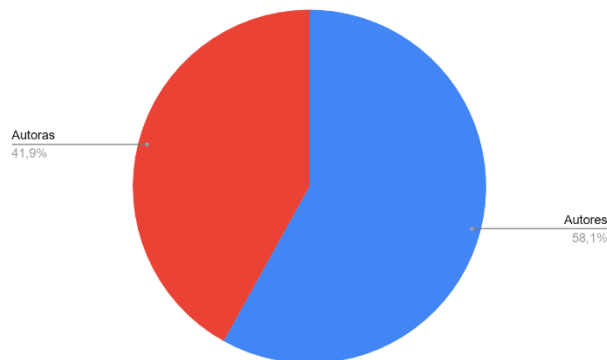
GRÁFICO 1



*130 autores, sendo 32 mulheres e 98 homens

Quando analisados somente os autores mais referenciados que são argentinos, a desigualdade de gênero não é tão chamativa, apesar de existente. Isso porque em torno de 41% dos autores nacionais mais utilizados nas bibliografias dos artigos e ensaios acadêmicos são mulheres.

GRÁFICO 2



*62 autores, sendo 26 mulheres e 36 homens.

Uma outra discussão relevante relacionada à questão de gênero, entretanto, aparece quando observados os autores mais citados nas referências bibliográficas, tanto no quadro geral como no argentino. Na Tabela 1, observa-se que entre aqueles que configuram entre os 10 mais citados, há somente uma mulher, e em última posição - a filósofa norte-americana Judith Butler:

TABELA 1

Class.	Nome	Nacionalidade	Campo de origem	Gênero	Veze em que foi citado
1	BOURDIEU, P	França	Sociologia	Masculino	68
2	MARTÍN BARBERO, Jesús	Colômbia	Comunicação/Filosofia	Masculino	58
3	FOUCAULT, M	França	Filosofia	Masculino	54
4	VERÓN, Eliseo	Argentina	Filosofia/Comunicação/Sociologia	Masculino	43
5	BARTHES, R.	França	Filosofia/Sociologia/Semiótica	Masculino	27
6	CASTELLS, M.	Espanha	Sociologia	Masculino	26
7	DÍAZ, C.	Argentina	Comunicação	Masculino	25
8	BECERRA, M.	Argentina	Comunicação	Masculino	24
9	GARCÍA CANCLINI, N.	Argentina	Antropologia	Masculino	22
10	BUTLER, J.	EUA	Filosofia	Feminino	21

Tal fato pode ser ainda mais chamativo se for considerada a importância da autora e a relevância de sua obra dentro dos estudos gênero. O livro de Butler mais utilizado nas referências é *Problema de gênero: o feminismo e a subversão da identidade* (1990). Apesar desse dado apontar para uma existência da discussão das problemáticas de gênero e que existe uma produção acadêmica a respeito de tal temática dentro do campo comunicacional, há também um ponto negativo para o qual é necessário atentar-se a partir daí: a única autora que aparece no ranking está tratando de assuntos específicos ao seu gênero, isto é, não aparecem outros trabalhos de mulheres debatendo as problemáticas da área da comunicação e nem outras correlacionadas. A diversidade de assuntos e abordagens, portanto, segue sendo, ao menos neste caso analisado, majoritariamente produzida por autores homens.

Com relação ao ranking argentino, a desigualdade também é muito visível: as duas mulheres que estão na lista também aparecem entre as últimas classificações, em sétimo e oitavo lugares (Tabela 2). Contudo, algo que deve ser pontuado é que uma das autoras, María Pássaro, escreve em co-autoria com outros dois autores que também estão na lista: Mario Gimenez e Carlos Díaz. Portanto, não é uma autoria exclusivamente feminina que configura no ranking, mas sim mista.

.

TABELA 2

Classificação	Nome	Campo de origem	Gênero	Vezes em que foi citado
1	VERÓN, Eliseo	Filosofia, Sociologia, Semiótica	Masculino	43
2	DÍAZ, C	Comunicação	Masculino	25
3	BECERRA. M	Comunicação	Masculino	24

4	GARCÍA, CANCLINI	Antropologia	Masculino	22
5	MARGULIS, M.	Sociologia	Masculino	20
6	HUERGO, J.	Comunicação	Masculino	19
7	PASSARO, M	Comunicação	Feminino	17
8	GIMENEZ, M.	Comunicação	Masculino	15
8	SEGATO, R	Antropologia	Feminino	15
9	LACLAU, E.	Ciência Política	Masculino	14
9	CARLÓN, M.	Comunicação	Masculino	14
10	ALABARCES P	Sociologia	Masculino	13

Desse modo, pode-se entender que apesar de mulheres argentinas estarem produzindo academicamente de maneira mais equilibrada com seus pares homens na academia, ainda assim há uma inviabilidade ou dificuldade de realizar um trabalho referenciado de forma mais equânime dentro do âmbito de gênero.

Ao analisar epistemologicamente um campo científico é impossível fazer um descolamento com as demais forças existentes na sociedade. Um campo do conhecimento pode ter suas próprias regras, valores e vocabulários, mas ainda assim está inserido em um contexto social, político e econômico e sofre mudanças por conta desses quesitos. Ao tratar da noção de campo elaborada por si próprio, Bourdieu (2003) pontua que, se por um lado, é impossível separar completamente uma obra acadêmica do histórico e demais forças que tornaram aquela produção possível, por outro, há controvérsias na ideia de que tudo pode ser apreendido a partir do contexto e que não há nada de específico ou singular valha somente dentro daqueles campos específicos.

Por isso, é necessário analisar os dados obtidos de maneira complexa, no sentido da "complexidade" dado por Morin, (2006), pois parece insuficiente associar todos os dados obtidos à questões externas ao campo. Isso porque, uma relação direta, similar a uma operação de "causa e consequência" é impossível de ser feita. Para tratar de

problemáticas referentes a um campo, como por exemplo a desigualdade de gênero existente na comunicação, é necessário levar em conta um série de fatores e realidades. Os dados sobre a porcentagem da produção acadêmica, bem como os encontrados nas análises bibliométrica são apenas a parte de um todo. Questões como histórico, valores próprios á área, e interferências externas sobre a desigualdade de gênero na Argentina, dentre muitas outras devem ser também levadas em conta. Dentro dos casos analisados, ligações simples e diretas muito provavelmente levariam a conclusões rasas e pouco elucidativas a respeito das informações apreendidas em um primeiro momento. Ao tratar a questão de gênero dentro da produção acadêmica é necessário levar em consideração uma série de questões, assim como pontua Rovetto (2012, p. 42):

A questão de gênero na atividade científica e tecnológica pode ser avaliada a partir de diferentes perspectivas: o acesso das mulheres ao ensino superior, tanto na graduação como na pós graduação; quantidade percentual de pesquisadores e pesquisadoras; acesso à cargos de decisão, direção de projetos e dentre outros.

Desse modo, o fato de que a desigualdade entre homens e mulheres impera, literalmente, há milênios (BEAUVOIR; 2019) não é suficiente para explicar os dados relativos à produção acadêmica feita por mulheres na Argentina entre os anos de 1996 e 2019. É preciso refletir por que, por exemplo, a produção acadêmica do campo da comunicação é majoritariamente feminina, assim como pôde ser observado no primeiro capítulo: em todas as publicações as mulheres representaram a maior parte dos trabalhos, com exceção da revista *La Trama de La Comunicación*.

Analisar as diferenças entre os níveis de produção acadêmica, no tocante à gênero, e os percentuais de referências bibliográficas femininas é importante. Isso porque, para observar a situação das mulheres na academia, é preciso analisar o contexto a partir de pontos diversos.

No mesmo artigo acima citado, a autora traz uma pesquisa que foi realizada a fim de compreender a situação das relações de gênero dentro do mundo acadêmico nos países Ibero-Americanos:

Observando o caso da Argentina especificamente, constatamos que a participação relativa de mulheres na pesquisa é relativamente alta: em torno de 4 a cada dez pesquisadores são mulheres. Além disso, metade dos docentes também. Esses números estão associados aos processos de ampliação científica dos últimos anos (em linhas gerais, desde o retorno da

democracia em 1983), em que a participação feminina vem crescendo levemente ano a ano. (RIVETTO, 2012. pgs 44-45).

Tal apontamento é coerente com os números que foram encontrados nas análises feitas neste trabalho. A média da produção acadêmica está relativamente próxima dos 40%, bem como a porcentagem de referências nacionais utilizadas, que também ficou em torno desse número. Contudo, a discrepância apresentada nos números das referências gerais não pode ser desconsiderada. Isso porque tal dado traz um balanço interessante para se analisar a desigualdade de gênero com maior propriedade no campo da comunicação. A predominância masculina nas referências mais utilizadas, tanto na Argentina como no ranking geral, indica um fator de dominância e peso dos autores homens.

Sendo assim, apesar de a produção acadêmica feminina ser relativamente alta, é possível notar que a dominância de gênero ainda está presente em certos aspectos da área, na medida em que as mulheres ainda são minoria quando se trata de nomes com maior destaque e relevância.

Com isso, é possível apreender a partir dos dados obtidos que apesar de estarem produzindo mais, de maneira quase pareada com os pesquisadores homens, a chamada “grande teoria”, isto é, aquela que traz credibilidade para um trabalho acadêmico e é usada para embasar as pesquisas e proposições das autoras, ainda é quase que totalmente advinda de autores homens. Tal fato carrega um valor simbólico de poder e autoridade dentro do campo da comunicação. Isso porque, apesar de estarem cada vez mais ganhando peso e destaque, as mulheres ainda se baseiam grande parte em homens para dar credibilidade aos seus trabalhos.

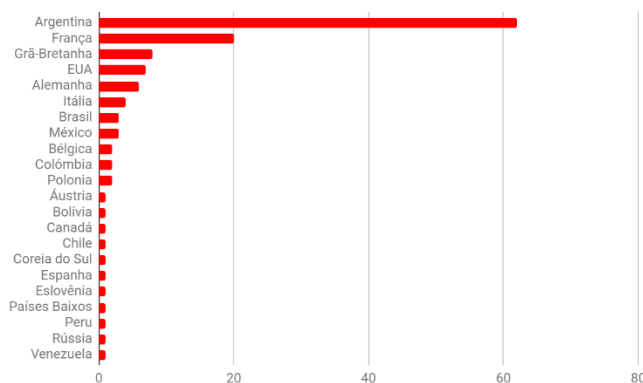
PAÍS DE ORIGEM

Discutir o país de origem dos autores mais citados dentro das referências bibliográficas, é também debater a influência estrangeira nas origens do campo da comunicação na América Latina.

Ao serem observados os respectivos países de origem dos autores no Gráfico 3, nota-se que boa parte dos autores são argentinos, mas que há uma considerável influência francesa: quase a metade dos autores mais utilizados nos trabalhos acadêmicos são nacionais, 62 em um total de 130. Em segundo lugar, ficam os franceses, com 20 nomes.

As referências originárias da Grã Bretanha, EUA e Alemanha possuíram um número próximo de citações: 8, 7 e 6 respectivamente. Todos os outros países não chegaram a cinco autores dentre os mais utilizados. Aqueles com mais impacto dentro da América Latina são do Brasil e México, com 3 nomes entre os mais utilizados cada. No total, 22 países fazem apareceram.

GRÁFICO 3



*130 autores. Argentina: 62, França:20, Grã-Bretanha:8, EUA:7, Alemanha: 6, Itália: 4; Brasil, México: 3; Bélgica, Colômbia e Polônia: 2; Bolívia, Canadá, Chile, Coreia do Sul, Espanha, Eslovênia, Países Baixos, Peru, Rússia e Venezuela: 1.

Uma ligação entre os dados obtidos e conceitos como a colonialidade generalizada e do saber QUIJANO, 2000) (é pouco para compreender de maneira minimamente satisfatória as relações encontradas na análise bibliométrica. Se por um lado, poucos autores são latino-americanos (desconsiderando-se os argentinos), por outro, é chamativo o fato de que metade das referências mais relevantes sejam nacionais. Para além disso, o ranking das referências mais usadas, por mais que apresente uma inegável força de autores europeus (em especial os franceses, o que também valeria como objeto de análise), também apresenta um peso bastante relevante dos autores argentinos, bem como de um colombiano que aparece em segundo lugar - sendo ele um dos dois únicos autores mais utilizados que tem origem na Colômbia.

Apesar de 47,7% das referências mais usadas nos trabalhos acadêmicos serem argentinas, 46 dos 130 são da Europa. Também é notável uma certa desconexão com os demais países da América Latina: excluindo-se a Argentina, apenas 12 autores são latino-americanos.

Ao observar a Tabela 1, observa-se que entre os cinco primeiros estão três franceses: Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Roland Barthes. Além deles, configuram também o colombiano Jesús Martín-Barbero e o argentino Eliseo Verón. Em um primeiro momento, pode-se concluir que apesar de a França aparecer muito atrás da Argentina na quantidade de autores, com 20 nomes presentes na bibliometria final, no que concerne à frequência de citações o mesmo não se dá. O sociólogo Pierre Bourdieu foi citado impressionantes 68 vezes, e Michel Foucault 54. Por sua vez, o primeiro autor argentino mais citado depois de Verón (utilizado pelas autoras 43 vezes), é Carlos Diaz, mencionado em 25 ocasiões. No entanto, não pode-se negar o destaque de Martín-Barbero, em segundo lugar no ranking geral, e único latino-americano que não é argentino na lista.

Tais dados, apontam para a conclusão de Melo (1999, p. 195), ao tratar da constituição do campo da comunicação na região e as especificidades que estão em sua base:

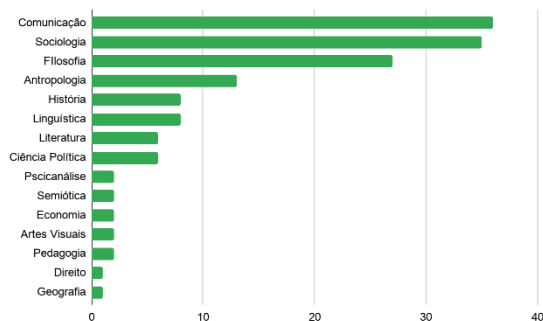
(...) Não obstante ocupe um lugar privilegiado nas universidades latino-americanas em que existem estudos regulares de comunicação, em nível de graduação ou pós-graduação, a Escola Latino-americana ainda não conquistou a hegemonia. O processo de sua difusão se faz lentamente, enfrentando as barreiras do modismo teórico ou o preconceito de quantos seguem valorizando exclusivamente as metodologias que trazem o selo dos países metropolitanos (...)

A partir dos dados obtidos, é possível chegar a algumas conclusões iniciais. Ao mesmo tempo em que somente uma pequena parcela dos autores mais citados são latino-americanos, e uma quantidade considerável tenha origem europeia, alguns outros fatores devem ser levados em consideração. Em primeiro lugar, o peso da relevância da produção argentina, que chega a quase cinquenta por cento. Depois, o fato de Martín-Barbero, um dos principais nomes da chamada escola latino-americana de comunicação estar em segundo lugar no ranking geral. Por último, é também válido ressaltar que quatro dos dez autores mais mencionados são argentinos. Assim, é clara a presença dessas duas forças a que Melo se refere. Ora, se por um lado, os estudos comunicacionais da região ainda não conquistaram total espaço ou hegemonia dentro das universidades da América Latina, não parece certo concluir que há uma produção que se baseia exclusivamente nos modelos exógenos advindos de autores dos países centrais do capitalismo.

CAMPO ACADÊMICO DOS AUTORES

Para fazer a distinção sobre os campos científicos dos quais provém os autores, foram observadas as obras presentes nas bibliografias coletadas para a realização da bibliometria. Além disso, utilizou-se também a descrição biográfica dos autores, seja no site da instituição na qual lecionam/lecionaram, ou nas descrições presentes em seus trabalhos. No total, 36 são do campo da comunicação. Em seguida, as referências de nomes do campo da Sociologia, com 35 nomes e da Filosofia, com 27, são as de maior destaque. Os dados completos estão presentes no Gráfico 4

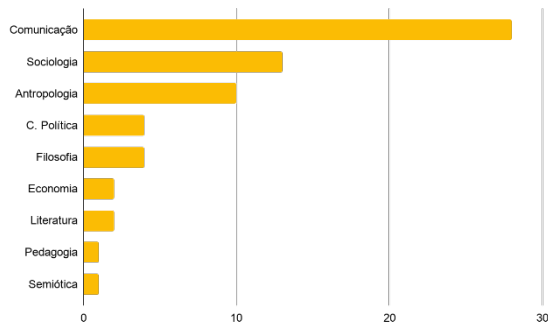
GRÁFICO 4



*Comunicação: 36; Sociologia: 35; Filosofia: 27; Antropologia: 13; História e Linguística: 8; Literatura e Ciência Política: 6; Psicanálise, Semiótica, Economia, Artes Visuais, Pedagogia: 2; Geografia e Direito: 1. Total de autores: 130.

Com relação ao campo de origem dos autores de referência nacional, um fato chama a atenção: cerca de metade são da área da Comunicação, uma realidade bem distinta daquela explicitada dentre os de todas as nacionalidades. Como já descrito anteriormente, somente 36 dos 130 totais possuem trabalhos relevantes ou são formados/lecionam em áreas de atuação deste campo. No tocante às outras áreas, essas mantêm-se relativamente proporcionais, com exceção de Filosofia, onde somente quatro argentinos fazem parte do campo - exclusivamente ou de forma significativa (Ver Gráfico 5).

GRÁFICO 5



Comunicação: 28, Sociologia: 13, Antropologia: 10, Ciência Política e Filosofia: 4; Economia e Literatura: 2. Educação e Semiótica: 2. Total de autores: 62

A interdisciplinaridade, discutida no primeiro capítulo deste trabalho, permanece notável após a conclusão da análise bibliométrica. O fato de que na hora de produzir um trabalho que será enviado para uma revista de comunicação, as referências bibliográficas utilizadas possuam forte interferência de autores com relevância ou destaque dentro de outros campos do conhecimento - seja de maneira total ou parcial - é chamativo.

Apesar dos autores do campo da comunicação aparecerem em primeiro lugar tanto na análise geral, como dentro do âmbito das referências exclusivamente argentinas, é visível o peso de outras áreas. Um exemplo é o fato de que dos 130 autores, 36 possuem relevância dentro do campo da Comunicação, mas 35 fazem parte do campo da Sociologia. Os trabalhos da área de Filosofia também são presentes: 28 autores fazem parte da área. No total, referências de 15 áreas do conhecimento foram utilizadas.

No tocante ao caso argentino, apesar de os trabalhos penderem mais claramente para o campo da comunicação (como já dito, 28 de 62), não é possível desprezar a relevância das demais áreas presentes nas referências bibliográficas, aparecendo novamente a sociologia com 13 autores e a antropologia, logo em seguida, com 10. Ao todo, os autores produzem trabalhos dentro de 9 campos do conhecimento.

Dentre os autores mais citados, somente três são exclusivamente do campo da comunicação. O primeiro lugar, Pierre Bourdieu, é do campo da Sociologia. Na lista dos argentinos mais influentes para a escrita dos trabalhos acadêmicos utilizados, apesar de seis possuírem na área de comunicação, Eliseo Verón que está em primeiro lugar, apesar de ter trabalhos importantes na área da comunicação, também tem peso na sociologia,

semiologia e filosofia (entre as obras mais utilizadas dele pelas autoras, está, por exemplo “A semiose social. Fragmentos de uma teoria da discursividade”).

Algo, no entanto, vale ser destacado. A interdisciplinaridade não parece ser desordenada ou despropositada. Se por um lado, é inegável a utilização de uma base bibliográfica advinda de outras áreas que não exclusivamente de comunicação, por outro é clara a relevância de três campos específicos: o de comunicação, propriamente dito, o da sociologia e o da filosofia.

Assim como nos outros âmbitos já destrinchados, tratar a interdisciplinaridade como algo já dado e inerente ao surgimento do campo da comunicação também é superficial. É preciso observar, para além da aparência momentânea, o fato de que são somente alguns outros campos específicos que apresentaram-se realmente influentes no tocante ao processo de produção dos artigos, uma vez que foram usados como referências bibliográficas para a construção e embasamento dos respectivos trabalhos das autoras argentinas. Como já descrito, é importante pontuar a origem da área da comunicação, bem como as razões pelas quais são as ciências de base as mais influentes na construção do conhecimento comunicacional.

Como pontua Melo (2001), o campo da comunicação surge como o que entende-se por “ciências sociais aplicadas”, sendo uma ramificação das ciências de base (sociologia, filosofia, história e etc), e aparecendo a partir de uma “crise” existente em determinado campo do conhecimento, isto é, propondo um novo paradigma e rompendo com algumas tradições científicas que parecem ser insuficientes para explicar fenômenos específicos. Sendo assim, a forte presença de referências de outras áreas das ciências humanas, com maior destaque para as ciências de base é coerente. Isso pode ser também observado no fato de que referências advindas de outras ciências sociais aplicadas, tais como economia ou direito até aparecem, mas são muito pouco significativas perto da quantidade daquelas das ciências “primárias”. Ora, se a comunicação parte mesmo de um descolamento das ciências “primárias”: história, sociologia, filosofia e dentre outras, então é coerente que muitas das referências estejam ainda ligadas à esses campos, uma vez que um rompimento total e completo dos campos é algo complexo e de difícil definição.

As ligações entre gênero, colonialidade e interdisciplinaridade no campo da comunicação podem não parecer óbvias em um primeiro momento. Contudo, ao observar de maneira mais atenta os dados obtidos na análise bibliométrica, as conexões parecem evidentes, bem como as relações de poder que resultam nas combinações existentes.

É claro que as reflexões que podem ser feitas a partir das relações quantitativas aqui estabelecidas, devem levar em consideração uma série de forças que atuam em conjunto, assim como fora explicitado em cada um dos tópicos acima. Entretanto, as relações de poder, que levam à desigualdade de gênero, colonialidade e relevância de campos acadêmicos exógenos possuem características comuns. Um exemplo claro, é a própria força de Pierre Bourdieu: autor homem, francês e sociólogo, e o mais citado entre as pesquisadoras em comunicação na Argentina para embasar os seus trabalhos acadêmicos. Sendo assim, pode-se compreender que a chamada “grande teoria”, ainda carrega de entranhada as características estruturais de machismo, as relações desiguais entre centros e periferias do capitalismo, bem como o conceito de mais credibilidade para ciências de base.

Conclui-se portanto, que apesar de complexos, os dados encontrados demonstram a persistência de relações de poder estabelecidas anteriormente à existência do campo, mas que neste caso, reverberam dentro de sua próprias regras e valores.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Ed: Nova Fronteira. São Paulo.2019.
- BOURDIEU, P . Os usos sociais da ciência. Ed. Unesp. São Paulo. 2003.
- LOZANO, C; MARIÑO, M. *La enseñanza universitaria de las Teorías de la Comunicación en Europa y América Latina*. Em: Revista Latina de Comunicación Social. 2010.
- MELO, M. J. Paradigmas da escola latino-americana de comunicação
- MELO, M. J Conhecer, produzir, transformar: paradigmas da escola latino-americana da comunicação. 2001.
- MORIN, E. Os métodos: o paradigma da complexidade. Ed. Vozes. São Paulo. 2006
- ROVETTO, F. *Mujer y universidad. Aportes para profundizar la incorporación de los Estudios de Mujeres en las universidades del MERCOSUR*. 2012.
- QUIJANO, A. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y America Latina*. Em: *colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales perspectivas latino-americanas*. Ed: FACES, UCV. 2000.